



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## IMAGENS DE SERTÃO: DIÁLOGO ENTRE AS ARTES DE JURACI DÓREA E AS LITERATURAS DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO, ADRIANO EYSEN E VLADIMIR QUEIROZ

Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** A partir de uma seleção da produção artístico/visual de Juraci Dórea e de textos poéticos dos escritores José Inácio Vieira de Melo, Adriano Eysen Rego e Vladimir Queiroz, pode-se perceber expressões diversas tendo o sertão como tema. Tradição e modernidade encontram eco para pintar o passado e o presente que não são só sertanejos. Juraci Dórea apresenta imagens de sertão que por sua vez são retratos do imaginário e também espaço de registro para crenças e *flashes* cotidianos. Em meio a outros cânones literários e culturais que movimentam alguns cenários da cultura baiana, os artistas aqui trazidos a estudo apresentam e firmam suas artes para públicos diversificados: desde cedo o artista plástico feirense também fez incursões por espaços rurais com sua arte, como a Exposição itinerante que saiu pelo sertão da Bahia (1982), ao longo da qual Juraci realizou pinturas murais em casas e levou sua obra para apreciação de pessoas que não frequentavam os locais ditos clássicos para mostras de arte, como galerias e museus; os três escritores, além da obra impressa no formato de livros e das *performances* em feiras, festas literárias, lançamentos *etc.*, fazem uso dos novos espaços virtuais para divulgar seus trabalhos literários, como *blogs* e redes sociais. E o que chama atenção na obra destes artistas (aqui reunidos) e estabelece estreita ligação entre os mesmos é a capacidade de registro artístico que acabam por fazer do que se convencionou a denominar como sertão. Vêm-se, da letra à tela, alusões à xilogravura e à Literatura de Cordel, passando por Lampião e pela fé ancestral, um sertão amoroso, colorido e festeiro, rico em saberes e em natureza. Em meio a estas imagens culturais, percebe-se uma diferença em relação às formas mais comuns de representar o sertão: não é o sertão estereotipado que se vê, mas o das tradições, das festas juninas e das artes do povo. Por uma perspectiva (inter)semiótica, as artes visuais e da palavra aqui reunidas podem ser lidas em diálogo, uma vez que o entendimento sobre sertão que expressam como que comunga do mesmo viés cultural, aquele que registra sentimentos, atmosferas e paisagens que estão para além da realidade factual, capaz de formar novas geografias desse mesmo e tão plural sertão.

**Palavras-chave:** Juraci Dórea. José Inácio Vieira de Melo. Adriano Eysen. Vladimir Queiroz. Imagens de sertão.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da área de Letras/Literaturas (de Graduação e Especialização) – UNEB, Campi XXII e XIV. *E-mail:* marenhas@yahoo.com.br

## **SERTÃO**

(...)  
*É o caminho do meu coração*  
*(...) é só alegria*  
*(JIVM, 2000, p. 35-36, 44)*

(...)  
*Neste sertão, restam tuas rosetas*  
*sangrando manhãs.*  
*(EYSEN, Adriano, 2011, p. 31)*

(...)  
*No sertão de sabedorias tamanhas*  
*virtudes santas...*  
*Quem retratou a voz de sinhá Maria:*  
*(QUEIROZ, Vladimir, 2001, p. 41)*

## INTRODUÇÃO

De acordo com artigo de Jerusa Pires Ferreira publicado na Revista *Léguas & Meia*, em 2004, e para buscar, de saída, melhor entendimento para o que chamamos por ‘sertão’, concordamos com ela quando nos diz que:

Estabelecer etimologias é uma armadilha em que se pode cair com fascinação e a etimologia da palavra sertão parece se perder na nebulosa que esgarça e dissolve a configuração de possíveis limites físicos e conceituais, permanecendo tão indefinida a significação quanto ilimitado o conceito (2004 – *online*).

Sendo assim, o entendimento a ser estabelecido a partir das imagens sobre sertão selecionadas para este estudo tenta se aproximar do trabalho artístico dos quatro artistas aqui reunidos.

A obra de Juraci Dórea fornece o fio condutor que desencadeou a curiosidade investigadora deste trabalho, com vistas a perceber a apreensão e o registro do universo pela imagem (também literárias) na escritura dos três autores selecionados.

Antes de pensar na possibilidade desta pesquisa, que por ora começa a dar os primeiros passos, já havia um diálogo preestabelecido entre o artista plástico feirense e pelo menos dois dos três poetas reunidos aqui: José Inácio e Vladimir Queiroz. Juraci ilustra alguns dos livros que fazem parte da bibliografia aqui pesquisada desses dois escritores e revelam imagens de sertão mais ou menos distanciadas do real.

As imagens que se propagam entre os artistas e para além desses e suas criações, indicam um viés de entendimento sobre o que hoje continua a ser denominado como sertão.

A partir de dois tipos distintos de poéticas (artes plásticas e escritura literária) que vem sendo feitas na Bahia e que se inscrevem na (e escrevem a) cultura baiana, fez-se necessário, para o

estudo, estabelecer recorte temporal (de 2000 a 2011) para os textos literários. Levou-se em conta a produção de autores que movimentam a cena artística contemporânea e que transitam entre geografias estéticas e temáticas diversas (e não só baianas).

## JURACI DÓREA E JIVM<sup>2</sup>: TRADUTORES DE POÉTICAS E SERTÕES

Dórea e JIVM constroem um modo de comunicação que não se limita apenas à tradução imagética e de versos: seja quando o poeta tenta ilustrar com palavras o que a tela expressa, no trabalho de compor vídeopoemas; seja quando o artista plástico esboça em tinta o que a imagem-palavra talvez queira dizer, no trabalho de ilustrar obras literárias.

No *YouTube*, desde outubro de 2009 que Inácio possui Canal denominado JIVMROSEIRAL<sup>3</sup>, espaço a partir do qual disponibiliza poemas declamados, organizados em pequenos vídeos, em que som/voz/imagens formam uma tríade de signos que se ultrapassam a si próprios e são capazes de ir além de cânones e limites literários ainda vigentes.

Por esse entrelace, outros elementos são agregados ao texto poético, como entonação, gestualidade, expressões faciais e corporais *etc.*, além dos recursos midiáticos e tecnológicos aos quais é preciso lançar mão quando da montagem dos vídeos.

Hoje as narrativas que não são feitas única e exclusivamente com as marcas da escritura, como os vídeopoemas, desenham os contornos de uma espécie de gênero que vem dinamizando o cenário das letras em meio à era do virtual<sup>4</sup>. Neste sentido, o professor Luciano Rodrigues Lima nos faz refletir tanto sobre novas estéticas quanto sobre política e economia culturais/editoriais, ao informar que:

o videopoeta recriará seu texto com os recursos digitais do computador e será seu próprio editor e distribuidor (desempenhando os papéis de editora e distribuidora/livraria) pois lançará o seu trabalho na rede, o qual será exposto em uma grande livraria/vitrine eletrônica (LIMA, 2008, p. 5).

As imagens de sertão que Dórea e JIVM compartilham ultrapassam o registro das feições físicas e ideológicas fortemente propagadas pelos meios de comunicação de massa (e não só) há muito tempo e que continuam a “moldar” determinadas identidades locais: do conformismo que não encontra forças para nada, além de cruzar os braços diante das adversidades (como a seca), até chegar ao extremo da representação do sertão estereotipado,

---

<sup>2</sup> JIVM – abreviação para José Inácio Vieira de Melo.

<sup>3</sup> <<http://www.youtube.com/user/JIVMROSEIRAL>>. Há também entrevistas nesse espaço virtual.

<sup>4</sup> Como são exemplos áudio livros e livroclip, respectivamente nesses *links*: <http://www.universidadefalada.com.br/audiolivro.html> e <http://www.livroclip.com.br/>

como um retrato desfocado e que se molda de fora pra dentro. Vejam-se abaixo imagens e texto dos dois artistas, respectivamente:



(DÓREA, 2010)

#### JARDIM DOS MANDACARUS

Em verdade conheço o sol desse lugar,  
uma agreste paragem de chão rachado – solo

[ sagrado

De noite, o vento corre pelo jardim trazendo algum

[ frescor

somente um olor-semente exala dessa flor,  
vida da pouca vida, mas forte mais.

Além da sombra da cumeeira donde estou e sou,  
assunto o que sobrou: uma ode à própria vida.  
E nos tortos caminhos desse jardim de mandacarus  
espicharei os secos sentimentos para apurar as

[ emoções... (...)

(JIVM, 2007, p. 84)

Pelo azul-branco-preto matizado nas imagens de Dórea se (entre)vê um sertão de pássaros e peixes, de flor e gado, luminosidade de lua e noite, de sol e candeeiro, das moradias que se formam em torno de igrejas (herança ancestral), da alegria das festas juninas, signos que figuram ao lado de tradições religiosas (cristão/pagãs) e culturais, de um povo que reza e faz promessas (ex-votos), que cultua o misticismo do boi/vaca estrela ou os poderes da cachaça feita com raízes e cobras, sem esquecer das lutas do cangaço, que tanto afastou quanto uniu os sertanejos. Na primeira imagem cabe também a morte/seca (esqueleto de boi) e a aspereza do mandacaru, em registro de outras lógicas. Na segunda imagem, além do sertão amoroso

(corações), farto em cajus e plantas resistentes, há espaço ainda para o amor a Feira de Santana/BA, o que Juraci confirma em entrevista, ao dizer que:

Retomo os temas de Feira de Santana: vaqueiros, Festa de Santana, vaqueiros no asfalto, esta canção cruzando o urbano com o rural, lendas de Feira de Santana... Este trabalho está mais definido do ponto de vista formal, já é um estilo e o tema bem consolidado, que é o tema de Feira de Santana. Essa fase vem, em 1974/1975 (...) (TODERO, 2004, p. 7).

Já pelos versos de JIVM *supracitados*, a seca encontra registro no jardim possível do sertão –, um reduto de mandacarus que geram brisa junto à noite, vida em flor (apesar de frágil/rarefeita, ainda assim forte) e que ajudam a “espichar sentimentos e apurar emoções” (2007, p. 84).

Por essas tintas/palavras há exemplos do que se pode fazer para sobreviver no sertão: de “chão rachado” a “solo sagrado”, equivalência despropositada que faz pensar na fé e esperança sertanejas.

A mesma equivalência se observa entre ‘Jardim dos mandacarus’ (título do poema de JIVM, imagem/símbolo de sertão que guarda beleza apesar dos espinhos) e os povos dos sertões, que aprenderam a conviver com todo tipo de escassez e que precisam ainda das armaduras feitas de couro (como os vaqueiros) para enfrentar as lides diárias.

Vladimir Queiroz, como Juraci Dórea (e suas esculturas de couro e madeira – *Projeto Terra*), também investe nesta imagem da pele dos animais sendo usada para proteger os sertanejos (*Apokálupsis*, 2006).

Por baixo das mil vestes de proteção a singeleza desses povos se revela: lucidez para compreender a vida avara e ainda assim continuar cultivando jardins possíveis no sertão, nem que seja com mandacarus que também dão flor.

Eis a inversão proporcionada pelos dois artistas, ao nos dar a ver outras faces pouco conhecidas desse cenário/sertão pintado quase sempre de cores secas, arte que pinta o comum já visto com tons reveladoramente incomuns.

Tanto JIVM –, o poeta da palavra, quanto Dórea –, o artista polivalente em muitas poéticas, oferecem exemplos distintos e ao mesmo tempo confluentes de artes que se dedicam a ouvir/registrar a voz local/ancestral para, mais uma vez, fazê-la reverberar em outras vozes/memórias dos sertões. Cid Seixas nos proporciona refletir sobre o assunto, ao tratar do poema ‘Rural’ (In: *A terceira romaria*, 2005, p. 38) e afirmar que:

Ora, o verso do catingueiro Inácio insiste: “Eu vou pra roça, lá o documento é a palavra.” Se na cidade são os documentos que valem em lugar do homem, os debêntures, as letras de câmbio, os títulos legais; no campo, podemos viver

esquecidos de toda esta parafernália infernal. Na roça o homem é a sua palavra (2010, *online*).

Nota-se, aqui, sobretudo na última frase de Seixas, que os versos de JIVM remetem à memória de um tempo passado, quando a palavra representava valores que foram sendo perdidos à medida que as técnicas de escrita evoluíram e se sofisticaram.

Ir para a roça e viver esse privilégio raro de (re)ver a voz ainda valer como documento, mostra-se como um oásis, mas não em tom passadista ou de nostalgia. Talvez os versos de Melo estejam nos mostrando que ainda existem espaços assim no mundo, com outras lógicas, outros costumes e não menos importantes que quaisquer outros, onde a palavra, a voz e suas tradições valem tanto quanto qualquer outro documento.

#### ADRIANO EYSEN: POÉTICAS DO ENTRE/TEMPO/ESPAÇO DO E NO (SER)TÃO

Para falar do impacto do *locus* sertanejo sobre os artistas aqui reunidos, considero o que afirma Rita Olivieri-Godet, ao chamar atenção para “a atitude estética” que liga Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto e Juraci Dórea, “marcados pelas paisagens física, humana e cultural do Nordeste, inscrevem-nas em suas obras conferindo-lhes uma dimensão estética inusitada” (2003 – *online*).

Assim se nos apresenta parte da obra de Adriano Eysen, que trabalha esteticamente na criação de imagens poéticas ligadas lírica e memorialisticamente ao sertão. Tanto em *Cicatriz do silêncio* (2007) quanto em *Assombros solares* (2011), o poeta vai construindo uma poética que se volta para antigas imagens guardadas na memória e para o tempo de infância e juventude desfrutado em espaços que vão da cidade ao campo.

Mas é no *locus* campesino que o lirismo de Eysen se desdobra e acaba por dar vazão a toda uma arquitetura de sensibilidades, de sentidos que irrompem do passado ao presente e não param de galopar com novos tempos: dos amigos vaqueiros, dos aboios que ainda são lembrados e entoados nos versos-memória, da calma paisagem propícia ao silêncio que nem sempre é alcançado do lado de dentro do eu-lírico. É o que se pode interpretar dos versos que se seguem:

##### **Passeio noturno**

Cá dentro do silêncio  
domo cavalos  
soltos a galopar  
(...) – (EYSEN, 2007, p. 73)

##### **Lembranças de um vaqueiro**

Os touros trafegam  
Sob a aba do teu chapéu  
(...)

Alguns galopes  
 Rasuram a brisa  
 (...)– (EYSEN, *Idem*, p. 77)  
**Epifanias dos meus trinta anos**  
 (...)

E o tempo galopa em mim  
 (...)

Na varanda, a luz do candeeiro  
 comunga com a brisa  
 os segredos envelhecidos  
 dentro da noite fechada.  
 (...)

Tardo, e o chocalho das vacas  
 ressoam um sertão  
 que habita a inocência  
 do meu filho.  
 (...) – (*Idem*, p. 83; 87; 91)

**Galopes selvagens**  
 São tantos sertões  
 guardados nas memórias  
 (p. 67)

**Dentro dos homens**  
 Há pedras  
 nos olhos dos homens  
 (...)

Há um sertão dentro dos homens  
 (*Idem*, p. 33)

**Vaqueiro de sete sóis**  
 Os chocalhos das vacas  
 anunciam sua partida  
 (...)

E o cavalo campeia  
 teus rastros na caatinga  
 (...)

Neste sertão, restam tuas rosetas  
 (...) – (EYSEN, 2011, p. 31)

Pelos versos citados, percebe-se que há prevalência para um sertão que se instala do lado de dentro do eu, um espaço capaz de abrigar também os *outros*, em exercício de alteridade. Por seu turno, o silêncio (do eu e de fora) figura como espaço, inversão que faz com que geografias e naturezas se comuniquem e se entrelacem – a física/natural e a sensitiva –, do lado de dentro do ser.

Sobre o tema das imagens de sertão, Eysen, poeta e ensaísta, também já o percorreu, ao tratar de Castro Alves em um livro de ensaios e, com propriedade, faz refletir sobre a capacidade que alguns poetas têm de trazer o sertão “dentro” de si próprios, ao afirmar que os vários biógrafos de Castro Alves comungam da opinião de que o sertão que se pode divisar na obra do bardo revela-se como um reflexo do que “(...) se encontra (...) na sua memória, já que Castro Alves foi (...) influenciado pela cultura e pelos traços nativos de um sertão cravado na sua história de vida, ou seja, na sua estrutura mnemônica (...)” (EYSEN, 2005, p. 22-23).

O diálogo das imagens sertanejas de Dórea e Eysen se faz bastante estreito, uma vez que ambos se ligam pela teia dos afetos, do sertão bravio e ao mesmo tempo acolhedor, que faz sangrar e ao mesmo tempo se reveste de uma capa telúrica e suave. São assim as imagens dos amigos vaqueiros que já habitam os planos eternos da saudade (Raimundinho – EYSEN, 2007, p. 77 e Jaquinho – EYSEN, 2011, p. 31) e as imagens de Dórea que dão corpo ao que se convencionou a chamar de ‘civilização do couro’ não só nos sertões feirenses, mas nos diversos sertões brasileiros, uma série de obras do artista que faz alusão ao rico trabalho realizado a partir do couro dos animais pertencentes à natureza nordestina, atividade iniciada com o *Projeto Terra* (DÓREA, 2010 – *online*).

#### VLADIMIR QUEIROZ: ALQUIMIAS

Em *Terracota* (2001) o autor usa a palavra à moda antiga para registrar pessoas, costumes, códigos de conduta, máximas, ditos, trovas, imagens de um sertão adormecido, latente e muito próximo à imagem máxima propagada pelo próprio título do livro – a ligação que estabelecemos com a terra. Vejamos alguns versos:

##### **Tarde Antiga**

(...)

Curupira  
alma penada  
na madrugada... – (2001, p. 41)

(...)

##### **Sertão<sup>5</sup>**

Quem retratou a voz de sinhá Maria:

“– Como passou louro?  
– Como cativo minha senhora”

(...)

Charque pendurada  
ensebada, em pau de boteco.

(...)

Nesse chão de pó xadrez  
já brindastes muitas pingas  
já pingastes muitas mágoas

(...)

Jia de peito, secando ao vento e sal...  
(Faz mal?!)

Na cuia de cabaça meia quarta de macarça,

(...)

Rodilha na cabeça na quina

(...)

Água fria no pote. – (*Idem*, p. 43-45)

(...)

##### **Toada**

---

<sup>5</sup> Poema também disponível no Portal Cronópios – <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=1232> – Adriano Eysen também possui poemas publicados neste mesmo Portal: <http://www.cronopios.com.br/site/poesia.asp?id=2403>

A toada mansa do sertão  
(...)  
sobe na poeira os ritos  
as crenças de rodilha e pano  
rosário credo – fano.  
Flegmas d’alma desfeitas em rezas  
(...)  
Pachorra sentida em cada passo  
no desbaste da touceira  
nos banhos de charco e gamela.

Remela nas pontas d’olho esperando...  
esmaecendo ao sol a palha  
estribo e cangalha. – (*Idem*, p. 45-47)

Por outro prisma, há um sertão simbólico, romeiro, fervoroso, mítico e quase medieval. É o que se sobressai em *Apokálupsis do sertão* (2006). Há uma passagem deste livreto de Queiroz que (re)monta e estrutura um mito por detrás da imagem de ‘chão rachado’:

#### CAPÍTULO XXI

A terra rachou toda por dentro e por fora.  
Os lagartos que dela saíram traziam na ponta da língua  
a secura.  
Secando tudo no entra-e-sai da língua,  
no reverberar da cabeça  
(...)  
O pó foi lançado sobre a paisagem  
e queimou árvore,  
(...)  
Os seres vivos que restaram  
mostraram-se fortes:  
*antes de tudo, fortes*  
e beijaram a terra... – (2006, p. 9)

A imagem de chão rachado (não a dos versos) é comumente evocada por inúmeras mídias para simbolizar os sertões e há muito está desatualizada e o contraponto disso pode ser observado, como aponto neste estudo, a partir das obras dos quatro artistas reunidos, que nos mostram outros sertões pelo viés do olhar ‘de dentro’, talvez ainda pouco conhecidos por quem somente os vêem de longe.

Com as duas obras de Queiroz temos a sensação de que podemos nos aproximar dessas terras “de dentro” por meio da aproximação lingüística, primeiramente. E não estamos muito distantes dela, uma vez que o idioma coloquial nordestino ainda resguarda traços de ancestralidade idiomática. É como estar diante de um elenco de linguagem que vigorou por muito tempo e que hoje toma o rumo dos livros e dos lugares mais afastados. Queiroz promove ao mesmo tempo aproximação e atualização desse idioma e linguajar.

O sertão que avulta da palavra poética de Queiroz está constantemente em movimento/mutação. Enfim, o autor (re)apresenta-nos um tempo do qual nos fomos

desgarrando/perdendo e que vem ao nosso encontro por meio da evocação operada pelas imagens tecidas pelo autor dessas duas obras. E as imagens produzidas por Dórea para os dois livros de Queiroz se harmonizam com o teor (telúrico/mítico) dos versos<sup>6</sup>.

## VIAS DE CONCLUSÃO

Vale ressaltar, ainda, o percurso que Juraci faz ao longo de sua atuação como artista plástico e poeta (Grupo *Hera* – 1972/2005<sup>7</sup>), quando se volta para os circuitos convencionais da arte (LÔBO, 2011, p. 53), sem se esquecer de inventar outros, sertão a dentro, mundo a fora – seja por apresentar o sertão ao mundo ou por trazer o mundo para o sertão. O *Projeto Terra* é um exemplo dessa trajetória coerente e ética. Nas palavras do poeta visual:

(...) início com trabalhos que lembram os couros de boi espichados no sol (...). O *Projeto Terra*, na verdade, eu volto com a arte para o sertão que me inspirou. Então são aquelas esculturas que são criadas no sertão para o homem do campo, pessoas que não teriam acesso jamais à produção contemporânea, que são pessoas que não frequentam museu, que não tem essa possibilidade.

(...)

Eu não fico acomodado só com o que eu fiz. Quando a gente vê tantos trabalhos reunidos, a vontade é de fazer mais ainda, de realizar coisas novas, incorporando o que está acontecendo, o entorno. Porque eu acho que o artista tem esse papel, de falar do seu tempo. Mesmo quando eu estou falando de memória, estou falando de coisas do passado, como essa cultura sertaneja que se modifica, eu estou também preocupado em falar do meu tempo, das transformações, das mudanças, das angústias do homem contemporâneo, isso tudo eu quero incorporar nos meus trabalhos (2010 – *online*).

A partir dos esboços e fotos referentes ao *Projeto Terra*, Lôbo e Salles ressaltam a preocupação de Juraci com seu projeto, no sentido de poder interagir com as pessoas participantes e até mesmo com os animais (“uma forte interação com o meio” – 2010, p. 5), que observavam de longe a movimentação.

Mais que poeta ou artista plástico/visual, Dórea registra e se registra nos sertões para além de Feira de Santana, ao passo que vai compondo novos registros de seus fruidores, atitudes que revelam o homem e o humanista à frente do artista, pois:

ao resgatar suas raízes culturais, Juraci empreende um trabalho de historiador no sentido de preservar a memória de um grupo social, num contexto regional. Nos entrecosques do indivíduo com o social, e frente ao declínio de uma tradição, Juraci Dórea assume a postura de homemmória, procurando a preservação de um universo sócio-cultural. Ele tem um papel de guardião de uma memória ameaçada (GUÉROIS, 2008, p. 3).

---

<sup>6</sup> As ilustrações destas e outras capas podem ser vistas no site ligado a UEFs: <[http://www.uefs.br/nes/juracidorea/interno.php?secao=artista\\_ilustracoes](http://www.uefs.br/nes/juracidorea/interno.php?secao=artista_ilustracoes)>.

<sup>7</sup> Sobre o grupo *Hera*, ver o artigo de Moacir Eduão em: <[http://www.revues-lurielles.org/\\_uploads/pdf/17\\_23\\_21.pdf](http://www.revues-lurielles.org/_uploads/pdf/17_23_21.pdf)>.

Diante da abrangência das artes de Dórea, Jerusa Pires Ferreira, em olhar de conjunto, mostra que é possível “relacionar sua arte a todo um percurso que se ancora profundamente na vida popular, no mundo do sertão, nos materiais de uma cultura, numa ancestralidade presente e sempre transformável em futuro (2003 – *online*)”. Vê-se, aqui, coerência louvável que se estabelece entre a criação de Dórea e a própria história pessoal do artista, algo como um compromisso firmado desde o início com os sertões que, ao tempo que formaram a existência de Juraci, foram também como que modelados pelo toque de sua arte.

Os três poetas, JIVM, Eysen e Queiroz, ao lado de Dórea, tecem e fazem reverberar uma poética imagética sertaneja inovadora, atual e plenamente cônica de sua relação com o sertão que não se localiza apenas em um determinado espaço geográfico. Por outros mapas, a arte desses quatro artistas faz com que os sentidos de humanismo e de alteridade se sobressaíam, como a formar um esboço fugidio e provisório do que vemos/vivemos como sertão.

## REFERÊNCIAS

DÓREA, Juraci. Cenas brasileiras (painel crítico sobre Juraci Dórea). IN: MATOS, Matilde, PARAISO, Juarez, PEREIRA, Rubens Edson Alves *et al.*. Revista Jornada (*online*), n. 3, 2010 – ISSN 2178-2814. Disponível na WEB em <<http://jornadaonline.blogspot.com/2010/03/cenas-brasileiras.html>> – Acesso em 09/12/2011.

DÓREA, Juraci. Soterópolis - Juraci Dórea (vídeo). IRDEB (Portal Multimídia). Disponível na WEB em abril de 2010, a partir do endereço eletrônico <<http://www.irdeb.ba.gov.br/tve/catalogo/media/view/692>> – Acesso em 10/12/2011.

EYSEN, Adriano. Imagens de sertão na poética de Castro Alves. 2. ed. rev. e ampl. Vitória da Conquista/BA: UESB, 2005.

EYSEN, Adriano. Cicatriz do silêncio. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007.

EYSEN, Adriano. Assombros solares. Itabuna/BA: Via Litterarum, 2011.

FERREIRA, Jerusa Pires. Um longe perto: os segredos do sertão da terra. Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004. ISSN 2177-0344 (edição online), ISSN 1676-5095 (edição impressa). Disponível na WEB em <[http://www2.uefs.br/ppgldc/revista2\\_123.html#](http://www2.uefs.br/ppgldc/revista2_123.html#)> – Acesso em 12/12/2011.

FERREIRA, Jerusa Pires. Juraci Dórea – o sertão e o mundo – Projeto e imagens. In: GODET, Rita Olivieri e PEREIRA, Rubens Alves (orgs.). Memória em Movimento: o Sertão na arte de Juraci Dórea. Feira de Santana/BA: UEFS/Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2003. Disponível também na WEB através do NES – Núcleo de Estudos do Sertão. Feira de Santana/UEFS, no endereço eletrônico: <[http://www.uefs.br/nes/juracidorea/publicacoes/juracidorea\\_osertaoemundo.pdf](http://www.uefs.br/nes/juracidorea/publicacoes/juracidorea_osertaoemundo.pdf)> – Acesso em 10/12/2011.

GUÉROIS, Rozenn. Memórias e identidades sertanejas na arte de Juraci Dórea. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências. USP, São Paulo, julho de 2008. ABRALIC, 2008 e-book. ISBN 978-85-98402-06-02. Disponível na WEB em <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/006/ROZENN\\_GUEROIS.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/006/ROZENN_GUEROIS.pdf)> – Acesso em 09/12/2011.

LIMA, Luciano Rodrigues. O vídeo poema como performance: movimento e corporeidade virtual da palavra. Tabuleiro das Letras. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. N. 01 - junho/2008. ISSN 2176-5782 Salvador: UNEB. Disponível na WEB em <[http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_01/pdf/artigo\\_vol01\\_04.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_01/pdf/artigo_vol01_04.pdf)> – Acesso em 12/02/2012.

LÔBO, Carolina Cerqueira, SALLES, Cecília Almeida. Registro e obra: o processo criativo em Juraci Dórea no Projeto Terra. Disponível na WEB em maio de 2010, a partir do endereço eletrônico <[http://pucsp.academia.edu/carolinal%C3%B4bo/Papers/1187971/Registro\\_e\\_obra\\_o\\_processo\\_criativo\\_de\\_Juraci\\_Dorea\\_no\\_Projeto\\_Terra](http://pucsp.academia.edu/carolinal%C3%B4bo/Papers/1187971/Registro_e_obra_o_processo_criativo_de_Juraci_Dorea_no_Projeto_Terra)> – Acesso em 09/12/2011.

LÔBO, Carolina Cerqueira. A memória como matéria prima. Revista Tessituras & Criação. Nº 2, p. 52-63. Dezembro de 2011. ISSN 2236-3912. Disponível na WEB em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/tessitura>> – Acesso em 04/02/2012.

MELO, José Inácio Vieira de. Códigos do silêncio. Salvador: SCT, Funceb, Egba, 2000 (Col. Selo Editorial da Bahia, 59).

MELO, José Inácio Vieira de. A terceira romaria. Salvador: Aboio Livre Edições, 2005.

MELO, José Inácio Vieira de. A infância do centauro. São Paulo: Escrituras, 2007.

OLIVIERI-GODET, Rita. Sertão, modernidade e identidade no Projeto *Terra* (1982) de Juraci Dórea. In: \_\_\_\_\_. Memória em Movimento: o Sertão na arte de Juraci Dórea. Feira de Santana/BA: UEFS/Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2003. Disponível também na WEB através do NES – Núcleo de Estudos do Sertão. Feira de Santana/ UEFS, no endereço eletrônico: <[http://www.uefs.br/nes/juracidorea/publicacoes/juracidorea\\_osertaoemundo.pdf](http://www.uefs.br/nes/juracidorea/publicacoes/juracidorea_osertaoemundo.pdf)> – Acesso em 10/12/2011.

QUEIROZ, Vladimir. Terracota. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2001.

QUEIROZ, Vladimir. Apokalupsis. Salvador: Gráfica Ed. Pituba, 2006.

SEIXAS, Cid. José Inácio: um hieróglifo que dá voz ao silêncio. In: Cid Seixas / textos críticos (*blog* do autor – Texto lido durante o evento “Encontros Literários”, realizado na Academia de Letras da Bahia, no dia 16 de abril de 2010). Disponível na WEB em <<http://cidseixas.blogspot.com.br/2010/04/jose-inacio-um-hieroglifo-que-da-voz-ao.html>> – Acesso em 15/02/2011.

TODERO, Luiz Ney. De Canudos a Veneza: o *Projeto Terra* do artista plástico Juraci Dórea. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Artes visuais). Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Ochi Flexor. Salvador: UFBA, 2004 (Anexo B – Entrevista com Juraci Dórea, p. 163-167). Disponível na WEB em <[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_arquivos/9/TDE-2010-03-03T123011Z-1516/Publico/dissertacaoluiztoderopt1seg.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/9/TDE-2010-03-03T123011Z-1516/Publico/dissertacaoluiztoderopt1seg.pdf)> e <[http://www.uefs.br/nes/juracidorea/img/artista/projetoterra/entrevista\\_juracidorea.pdf](http://www.uefs.br/nes/juracidorea/img/artista/projetoterra/entrevista_juracidorea.pdf)> – Acesso em 04/02/2012.